

Olavismo e pulsão de morte

Olavism and death drive

Luiz Claudio da Costa Carvalho (Claudio Carvalho)¹

Resumo: Este estudo reflete sobre o significado cultural da figura pública de Olavo de Carvalho e esboça algumas claves de seu discurso. Procura compreender a rede de relações do olavismo com outros atores intelectuais similares, como Aleksandr Dugin, na Rússia, e Steve Bannon, nos EUA. Busca compreender o universo mental e conceitual da nova extrema-direita internacional. Embora seja um fenômeno com protagonismo recente, procura-se ampliar a linha de tempo da compreensão do tradicionalismo, vinculando-o a acontecimentos culturais dos Anos 20, do século passado, e aos desdobramentos da contracultura, dos Anos 60 em diante. São destacadas as raízes perenialistas da nova extrema-direita e seu caráter performático, ligado à cultura pop. Interpreta-se ainda tais fenômenos como manifestações de “paixão triste”, no sentido spinoziano do termo, e de “pulsão de morte”, no sentido psicanalítico da expressão.

Palavras-chave: Tradicionalismo; Contracultura; Pulsão; Estudos Culturais

Abstract: This study reflects on the cultural significance of the public figure of Olavo de Carvalho and outlines some keys of his speech. It seeks to understand the relationship between Olavism and other similar intellectual actors, such as Aleksandr Dugin, in Russia, and Steve Bannon, in the USA. It seeks to understand the mental and conceptual universe of the new international far-right. Although it is a phenomenon with recent protagonism, it seeks to expand the timeline of understanding traditionalism, linking it to cultural events from the 1920s, from the last century, and to the unfolding of counterculture, from the 1960s onwards. The perennialism roots of the new far-right are highlighted and its performance character, linked to pop culture. Such phenomena are also interpreted as manifestations of “sad passion”, in the Spinozian sense of the term, and “death drive”, in the psychoanalytic sense of the expression.

Keywords: Traditionalism; Counterculture; Pulsation; Cultural Studies

¹ Escritor. Professor no Instituto Nacional de Educação de Surdos, Departamento de Ensino Superior-DESU/RJ; graduado em História, doutor em Letras Vernáculas, Pós-doc em Estudos Culturais (PACC), todos na UFRJ; claudiocarvalho60@gmail.com

Introdução

“Embora seja loucura, há nela certo método”

(SHAKESPEARE. Hamlet, Cena II, do Ato II, fala de Polônio sobre Hamlet)

Há uma diferença enorme entre produzir reflexões partindo de imperativos morais ou mesmo ideológicos e produzir mera propaganda vazia baseada em uma suposta superioridade moral e intelectual, em geral, tão mais alardeada quanto incerta. É também pouco aconselhável que uma pessoa dedicada ao estudo de relevantes temas de interesse cultural e social se orgulhe publicamente de ignorar justamente àquilo que deveria conhecer, nem que seja para combater com mais eficácia. Infelizmente, a autocomplacência e autorreferência que tomaram conta de certos setores de nossa Academia, especialmente na área de Humanidades, tem feito com que nos conformemos em afirmar orgulhosamente nossa própria ignorância e que repitamos slogans vazios e palavras-de-ordem como se fossem relevantes interpretações de fenômenos culturais.

Este é o incômodo que me causa a abordagem de alguns de nossos intelectuais públicos diante da figura de Olavo de Carvalho e do fenômeno do olavismo. Faço aqui um breve parêntese, com objetivos heurísticos, vamos considerar, sem definir com rigor científico, que existe um acontecimento cultural chamado “olavismo” e que se trata de uma outra coisa, agregada embora, ao que poderíamos chamar de bolsonarismo.

O olavismo foi capaz de servir como um dos fatores que guiaram os rumos eleitorais de 2018 e levaram à eleição de um absoluto outsider à Presidência da República. E não de um lugar qualquer: de um país da grandeza do Brasil. Digo isso sem o menor ufanismo. Embora não seja um grande player mundial, o Brasil tem um lugar fundamental frente à América Latina e na segurança alimentar e hídrica do planeta.

O olavismo não é um fenômeno cultural e político isolado no mundo. Tem parentesco e possível articulação com diversos outros fenômenos similares, como os derivados de Aleksandr Dugin, na Rússia, e Steve Bannon, nos EUA, Gábor Vona, na Hungria, dentre outros. Estes atores aqui nomeados, com viés ideológico e influência sobre a vida de seus países bastante semelhantes e mesmo integrados à figura de Olavo de Carvalho, são alguns os mentores e polemistas da nova extrema-direita.

E o que alguns setores de nossa academia e intelectuais importantes de nossa vida pública se dedicam a fazer diante da figura do Olavo? A difundir bazófias: “desconheço com muito orgulho”; “que engraçado, o astrólogo...” Ou a repetir as bravatas e despautérios que Olavo, excelente comunicador, sabe muito bem disseminar entre seus seguidores ávidos, como se fossem o pensamento substancial de Olavo de Carvalho. Tudo para provar que um dos homens que ajudou à vitória eleitoral de um perigoso governo antidemocrático, que promove um projeto de ruptura institucional e que coloca o Brasil como um dos satélites da guerra cultural da extrema direita mundial, não passa de um idiota delirante e sem formação acadêmica.

Alguns, sem notar que isto implica em insultuoso ataque ao valor de seus próprios títulos e instituições de pesquisa, põe-se a comparar a rasa escolaridade formal de Olavo Carvalho com seus próprios currículos, diplomas e robustas titulações acadêmicas.

Tendo a concordar, embora não seja psiquiatra e não goste de ficar medicalizando divergências de cunho ideológico, que o Olavo de Carvalho tenha lá um pé, ou mesmo os dois, em uma espécie de delírio escatológico. Mas, o que é louco para certas épocas da história e para certos agentes sociais pode, infelizmente, se impor como o novo normal.

Percebe-se nitidamente que muitos dos olavistas atuam publicamente de uma maneira, para dizer o mínimo, errática. Mas, não se pode dizer que, em primeiro lugar, Olavo não seja um homem que lê. Em segundo lugar – e isto é mais perigoso – não se pode omitir que, com maior ou menor grau de consciência, como Polônio afirma sobre Hamlet (Cena II, do Ato II, Hamlet): há método naquela loucura. Não é sem razão que, dentre outras leituras, a obra aqui mencionada do Bardo é encarada por muitos como um tratado de representação teatral. Estaremos, aqui, tratando de “representação política”. E há cálculo político inclusive no alarde orgulhoso que o guia espiritual da Virgínia faz de seu autodidatismo. O olavismo é, portanto, um fenômeno fortemente performático.

Olavo de Carvalho jamais pretendeu ocupar o espaço formal de *scholar* com uma carreira acadêmica. Cobrar isto dele é dar a deixa para que o nosso Hamlet faça a sua cena. Ele ocupa um entrelugar existente entre o ídolo pop, um líder de seita e um hábil polemista de assuntos culturais. Sua disputa no campo cultural brasileiro é mais com figuras públicas intelectualmente instigantes tanto quanto superficiais, como, por exemplo, um Caetano Veloso. Olavo não deve ser comparado com algum dedicado filólogo ou pensador sério, cheio de seus métodos e portador mais de dúvidas, próprias

de quem faz da investigação seu ofício, do que de frases de efeito. Olavo é tão farsante quanto qualquer ídolo pop intelectual que pulula em nossa *mass media*. Sem a Comunicação Social e as novas mídias digitais, Olavo seria um Hamlet sem palco.

Consta na biografia de Olavo de Carvalho que, além de astrólogo, foi ligado à tariqa de Frithjof Schuon (Sheikh Issa Nureddin), sediada em Lausanne, Suíça, e depois em Bloomington, Indiana. E com ramificações em São Paulo. Trata-se de um grupo islâmico esotérico. O que procuraremos demonstrar é que há uma íntima continuidade entre os métodos e procedimentos do religioso esotérico, do astrólogo, do demagogo (mais na acepção grega) e do autor de escritos filosóficos e professor não formal de filosofia.

Tais ações, digamos, educacionais foram levadas a escolas superiores militares: em ciclos de palestras, parcerias na elaboração de obras e participação em simpósios. As palestras, por exemplo, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, são amplamente divulgadas por nossa imprensa. Assim como a redação de uma obra encomendada pelo Instituto Histórico e de Geografia Militar, via financiamento da Odebrecht. São inúmeros registros de participação de Olavo de Carvalho, ao longo de mais de vinte anos, junto aos militares brasileiros. Não deixo aqui fontes porque teria que verificar a veracidade de cada informação. Mas, é material facilmente encontrado na imprensa brasileira e, sem dúvida, mais do que sorrisos de desdém, merece uma criteriosa investigação histórica.

E as ações educacionais de Olavo de Carvalho atingiram líderes religiosos católicos, ortodoxos e protestantes, parlamentares, empresários... Agora, estão sendo facultados cursos, gratuitamente, para agentes públicos e policiais. Ou seja, prepara-se o terreno para que o olavismo se torne um dos substratos ideológicos do aparato ideológico policial-miliciano que já deu mostras de suas intenções de incentivar uma ruptura institucional. Tudo isso é parte da guerra cultural. E o olavismo não quer ocupar um espaço entre os estudos acadêmicos: ele quer deslegitimá-lo, quer ridicularizá-lo. E o faz com método.

É sobre esse método que falaremos, sinistro método de uma “paixão triste”, na acepção de Spinoza, mas, que tem alcançado uma surpreendente popularidade no Brasil e que não é algo isolado de acontecimentos semelhantes em vários lugares do planeta.

Embora não possa afirmar a adoção integral de um método consagrado explícito que oriente a redação do presente trabalho, devo dizer que a intenção básica de unir as pontas entre atores sociais, textos e contexto, indicadas pela Análise do Discurso e/ou

pela Filosofia da Linguagem, orientaram esse meu esforço. Também devo dizer que procurei ter em mente todos os recursos de interpretação semântica que fui absorvendo ao longo do tempo. Também optei pelo uso da primeira pessoa do singular porque o uso do plural, mais do que denotar humildade e respeito às convenções acadêmicas, começou a me soar como um excesso de bons modos que, além de artificial, tenderia a afastar leitores.

O foco de minhas reflexões acadêmicas são assuntos artísticos e literários e o tema das chamadas minorias. Mas, ao ver o que estava ocorrendo, por interesse próprio, não acadêmico, comecei a acompanhar o Olavo, assisti às aulas gratuitas do COF (Curso Online de Filosofia)² e li alguns de seus livros. Pensando bem, meu interesse por grupos minoritários sempre me levou a investigar, quase sem perceber, ações culturais fora do eixo. Escrevi minha dissertação de Mestrado sobre o psicanalista e escritor brasileiro Roberto Freire. Não pude evitar de conhecer a sua Somaterapia, uma terapia anarquista. Houve também certo interesse meu pelo Santo Daime, nascido quando escrevi meu trabalho de doutoramento sobre Caio Fernando Abreu. Uma das obras abordadas, *Onde andaré Dulce Veiga*, aborda o tema do Santo Daime.

Porém, restou a urgência de escrever sobre a pulsão de morte encravada na obra e na ação pública de Olavo de Carvalho. Nenhum dos meus temas de estudos de ações culturais desviantes atingiu tamanha repercussão social como o olavismo e seus congêneres internacionais.

Desejo tratar também das inolvidáveis similaridades do olavismo com a ação pública e influência sobre políticos com altos postos de pensadores como Aleksandr Dugin e Steve Bannon. Este último ligado a Trump e o primeiro o mentor do eurasianismo propagandeado por Putin. Pretendo, com o presente artigo, oferecer uma espécie de consolação, que somente a compreensão traz, para o estado de perplexidade no qual estamos devido à falsa impressão de que o “astrólogo” e suas muitas impertinências culturais nos venceram na batalha pelos corações e mentes de nossas gentes. Espero ao menos esboçar rudimentos para a compreensão das raízes profundas do perenialismo (ou simplesmente tradicionalismo) que move Dugin, Bannon e Olavo de Carvalho. Tratar de sua inesperada ascensão: de antiga excentricidade parareligiosa ao centro da discussão política que elegeu um Trump e Bolsonaro. E que sustentam, com o eurasianismo, o discurso ideológico e estratégico de Putin.

² - Cf. <https://www.seminariodefilosofia.org/o-curso-online-de-filosofia/>

Tenciono fazer ver como na própria contracultura, ou mesmo antes, no pensamento esotérico daqueles outros Anos 20 (do século passado), os tentáculos tradicionalistas já estavam esboçados no horizonte de nossa civilização. Desejo lançar luz sobre o método que há em disseminar certas premissas terraplanistas e outras afirmações anticientíficas.

Quero, enfim, demonstrar o caráter escatológico do olavismo e seu desejo de destruir esta civilização que ele considera decadente. Talvez, até seja possível explicar ainda como o olavismo atua como uma espécie de cavalo-de-troia dentro de regimes populistas do tipo Bolsonaro, de maneira similar à ação de Bannon junto a Trump. E que a gestão caótica promovida por alguém como Bolsonaro funciona como um acelerador de partículas para quem sonha o que sonham Olavos, Bannons e Dugins e que tais.

Espero também deixar claro que, embora atuem junto a conservadores e até liberais, os perenialistas/tradicionalistas não são nem conservadores, nem liberais, nem cristãos (católicos, reformados ou ortodoxos). Eles são uma espécie de revolucionários do avesso: como os nazistas. Com isso não quero dizer nem que são nazistas e, muito menos, que já antevejo os campos de concentração ali na esquina. Minha comparação se refere a um viés ideativo semelhante. Todos sabemos que um estudo adequado do nazismo exige que se tenha a atenção voltada para os muitos esoterismos que marcaram o final dos XIX e início dos XX. No caso do nazismo, destaque para a Sociedade de Thule.

E eles, esses novos tradicionalistas midiáticos, se utilizam de táticas culturais similares àquelas dos socialistas radicais (nacionais-socialistas ou de extrema-esquerda) que acham que a promoção do caos pode abrir caminho para a eclosão do novo mundo. Para o olavismo pouco importa o que o governo Bolsonaro pode realizar. Importa o que ele é capaz de destruir. No caso do olavismo e de seus similares internacionais, o mundo novo está no passado. Porém, não há o menor problemas nisto: a visão linear e a ideia iluminista de progresso são impiedosamente criticadas por eles. Sua visão de história tende mais ao cíclico do que ao linear.

Antes de começarmos propriamente, deixem-me revelar uma dívida de gratidão. Caiu-me nas mãos, via Facebook, uma entrevista à revista Pública do pesquisador americano, Benjamin Teitelbaum, da Universidade do Colorado.

Etnógrafo responsável, Teitelbaum, em lugar do sorriso negacionista em busca de aprovação do seu desconhecimento orgulhoso pelos pares “esclarecidos”, se debruça sobre o pensamento do que ele chama de tradicionalismo. Acerta ao identificá-lo como a matriz ideológica da nova extrema-direita midiática.

Tomo aqui a liberdade de apresentar uma livre tradução da parábola do leste asiático que serve de epígrafe para a sua obra:

Um homem encontrou um tigre na floresta. Incapaz de fugir ou subjugar o animal pela força, ele escolheu uma terceira opção e pulou nas costas do tigre. O homem sabia que, se tivesse cuidado e paciência, poderia montar no tigre até que estivesse velho e fraco. Então, ele poderia agarrar seu pescoço e começar a apertar. (TEITELBAUM, 2020. P. 2)

Ao que parece, aqui nessas plagas tropicais, nos comprazemos em rir entre nós dos tigres que ameaçam devorar nossa nascente democracia.

O vírus do esoterismo pop

Caso a atenção do Bruxo da Virgínia se volte para esse nosso pequeno artigo, ele negará veementemente ainda ser um perenialista. Apresentar-se-á como o mais legítimo católico conservador. Mas, em nossa opinião, há duas marcas indeléveis no pensamento de Olavo de Carvalho: o perenialismo e, pasmem, o marxismo.

Do mesmo modo que o nacional-socialismo era a sombra do comunismo leninista e stalinista, o olavismo é a sombra, especialmente no campo dos princípios procedimentais, do marxismo em sua versão mesclada com o identitarismo. Daí escolher como antagonista privilegiado o tal do “marxismo cultural”. Ele, hoje, diz ter abandonado este conceito. Afirma que o “marxismo”, nos dias de hoje, é ele próprio toda uma “cultura”: uma explicação totalizante da realidade tão profunda quanto uma religião. Uma religião laica melhor sucedida do que aquela tentada por Augusto Comte, em sua Igreja Positivista. Mais disseminada do que os cultos laicos ao Estado herdados de matrizes iluministas ou hegelianas (pode parecer redundante, mas, persiste em mim a dúvida, é o hegelianismo, de direita ou de esquerda, um iluminismo?).

Por mais que professores populares nas Academias e mídias brasileiras tentem resolver tal problema pelo caminho da enfática e sorridente denegação, o caráter totalizante e escatológico contido nos marxismos e mesmo nos positivismos, iluminismos e hegelianismos não deixam de ser um argumento poderoso e sofisticado, tanto do ponto de vista retórico, quanto com relação ao mérito. O próprio Roland Barthes, em seu *Mitologias* (BARTHES, 2001), esbarra em algo muito próximo. E nunca

será demais ressaltar a necessidade de se estudar as raízes esotéricas e escatológicas contidas no pensamento moderno e revolucionário.

Mas, este será assunto de outro artigo: o braço marxista do pensamento de Olavo. Pautado, com certeza, e com muita ironia, tendo por epígrafe aquela frase bíblica recuperada por Nietzsche: *“Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não tornar-se também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você”*. (NIETZSCHE. 2001, p. 89)

Agora, meu objetivo é olhar, entretanto, para a outra marca indelével do pensamento olavista (e de Dugins, e de Bannon): o perenialismo. Ou sua visão mitigada: uma espécie de tradicionalismo midiático.

Antes é preciso dizer que este tradicionalismo místico, curiosamente, não é um conservadorismo. Para começo de conversa, o conservadorismo de Burke, o conservadorismo liberal francês de um Tocqueville ou Raymond Aron, o federalismo de Alexander Hamilton, o legado de um Joaquim Nabuco, o pensamento de Roger Scruton, todos eles, enfim, bebem na fonte do ceticismo sua lição de prudência e humildade no trato das coisas do social. O tradicionalista é um crente, não um cético.

De fato, a insistência meramente propagandística de certo pensamento de esquerda em reconhecer e respeitar o conservadorismo, criticando-o pelo que ele é e não o transformando em mero “espantalho retórico”, é que abre espaço para que esse novo tradicionalismo revolucionário penetre como um cavalo-de-troia no seio da religiosidade, fazendo pose de conservador. Não se pede que se adira a teses conservadoras, mas que, ao menos, se saiba do que realmente se tratam. A caracterização do pensamento conservador como algo crítico do novo por acreditar que a vida era melhor no passado é que abre espaço para produtos culturais exóticos como esse novo tradicionalismo midiático. A desonestidade intelectual e a acomodação produzida pela hegemonia fácil nos aparelhos acadêmicos, um dia, iriam ter uma séria conta a pagar à história.

Conforme veremos, o perenialismo/tradicionalismo é uma espécie de vírus revolucionário ou contrarrevolucionário que se alimenta de “conservadorismos” pouco esclarecidos ou tomados de ênfases místicas. Por outro lado, nutre-se de explorar as contradições do multiculturalismo identitário que acabou ganhando protagonismo na esquerda mundial.

Presentemente, os movimentos da extrema direita europeia, da direita alternativa norte-americana (*alt-right*), da direita pentecostal, da caserna e olavista que se nutre do

populismo bolsonarista, do pensamento eurasiático articulado em torno de Putin e seu “Rasputin”, Alexander Dugin, dentre outros, defendem uma agenda ativa de engenharia social, baseada em agressiva ação em redes sociais, pregando um asco integral e ativo à política, à ideologia e à configuração espiritual de todo o estado de coisas que se relacionam com as heranças da modernidade. Este é o sentido da “guerra cultural” que puseram em curso. Quem não compreender, ao menos, isto estará a combater espantalhos.

Este estado de coisas está meio que disseminado pelo mundo inteiro. Mas, para nossos propósitos imediatos, iremos destacar o Olavo de Carvalho e compará-lo rapidamente com aqueles agentes mais intelectuais evidentes: Aleksandr Dugin e Steve Bannon. Atenção, são linhas de ação, procedimentos e interesses muitos distintos que existem entre esses intelectuais orgânicos. O que iremos buscar é um ponto em comum que os aproxima entre si e a matriz ideativa que os faz estar em sintonia com a alma profunda e secreta do nazismo: uma visão do Ocidente como um modelo civilizatório decadente, a busca de regeneração através da destruição sistemática do modelo cultural dominante e um inegável estro místico. Sem querer fazer nenhum diagnóstico clínico, usando o conceito apenas para obter certo efeito retórico, enfático embora, é a este alumbramento regressivo, a essa busca desesperada de retornar ao útero de uma Idade de Ouro, a tudo isso, enfim, é que chamamos de uma manifestação da “pulsão de morte”. Ela está embutida no olavismo, no pensamento eurasiático e na alt-right americana.

Para não parecer parcial, devo dizer que identifico tendências regressivas uterinas e escatológicas também em movimentos à esquerda, sejam eles identitários ou não. Mas, não é deles que estou tratando agora.

Estou tratando daquilo que Teitelbaum chama, sem tentar uma impossível definição do conceito, de “tradicionalismo”. Seu livro é mais um esforço etnográfico do que uma ação de jornalismo investigativo. Ele entrevista atores da chamada *far-right* norte-americana, especialmente Bannon. Mas, não deixa de tratar de Olavo de Carvalho e Dugin. Ele apresenta, de maneira fragmentada, mas, a meu ver, de modo satisfatório, o que é o tal “tradicionalismo”. E algumas de suas principais referências teóricas ancestrais: René Guenón, Julius Evola, Frithjof Schouon, George Gurdjieff, dentre outros.

O que Teitelbaum e outros tantos que se debruçaram sobre o fenômeno aqui em tela não trouxeram à baila suficientemente é o contexto cultural que permitiu que tais

figuras e seus divulgadores se tornassem fenômenos pop. Vou tentar enxergar as coisas através do que vi e vivi no Brasil. Estranha trajetória que transforma o perenialismo, inicialmente uma seita iniciática esotérica, em ator junto às massas.

Exatamente nesse quesito, minhas andanças pelos mundos alternativos da contracultura podem ser úteis. Schouon e Gurdjieff, por exemplo, eram meus conhecidos muito antes de eu sequer ter ouvido falar em Olavo e Bannon. Qualquer um que já tenha circulado pelo meio letrado dos hippies e pós-hippies ouviu falar deles. E de Guenón: uma das chaves hermenêuticas principais para a compreensão do pensamento olavista. Guenón é a explicação profunda do anti-intelectualismo intelectualizado do Olavo de Carvalho, de seu desdém, meio performático, diante das instituições científicas, da democracia e agências globais.

O presente artigo pretende ser apenas uma introdução em busca de compreender as vinculações entre tradicionalismos, a filosofia perene e o pensamento dessa nova e extrema-direita. Uma descrição mais detalhada, esboçada através de estudo empírico, de como essa tendência hermenêutica mística, de raízes hinduístas, se infiltrou entre instituições e agentes culturais e se fez passar por legítimo cristianismo e verdadeiro conservadorismo, sem dúvida, se faz necessária. Porém, uma ligeira descrição do pensamento de Guenón serve para desvelar os princípios teóricos que norteiam tal fusão. A imagem do vírus ou do cavalo-de-troia, tanto o grego clássico quanto o da informática, são eloquentes: guarde-a, por favor.

Porém, há uma coisa que parece não ter sido destacada suficientemente ainda e que faço questão de enfatizar: o tradicionalismo é um desdobramento da contracultura. E parente ideológico próximo do esoterismo difuso nascido do misticismo hippie e seus desdobramentos e ancestrais. Quando falo em ancestrais, nunca deixo de pensar nos fundamentos hinduístas e esotéricos do nazismo. Ah! Os Anos 20! Mas, quais Anos 20?

Uma coisa ainda se diga: também o pensamento de um Kant e um Hegel não estão isentos de cotejos com misticismos do século XIX. Mesmo o marxismo pode ser encarado como uma Soteriologia do Partido ou da classe e não pode ser separado de sua cota de milenarismo. Isto sem falar da inclinação literária inicial do jovem Karl Marx para o ultrarromantismo e seus arrebatamentos e transes. Mas, esse não é o assunto. O assunto é: o chamado tradicionalismo já nasceu pop. Estranhas meditações, ácidos e outras substâncias alteradoras de consciências, ervas-do-diabo, bruxarias e xamanismos de variados espectros, dietas alimentares exóticas, macrobióticas e purismos veganos, enfim, tudo isto entra como um componente que forma a base, nem que seja por

oposição, que enseja ver de onde Olavo colhe a “razão” que os seguidores dele dizem que ele tem. Depois de uma inflexão orientalista, o que o tradicionalismo olavista parece propor é uma espécie de radical retorno ao Ocidente.

O Olavo de Carvalho é tão uma criatura nascida da Revista Planeta³ quanto Paulo Coelho, não por acaso letrista de Raul Seixas. Ambos são “cases” de sucesso no mundo que aproxima misticismos, pensamento e agenda pop. Guenón, Schouon e Gurdjieff eram referências fáceis de encontrar na tal revista. A Planeta foi um grande sucesso editorial entre os Anos 70 até os Anos 90, no Brasil. Onde também atuaram o “verde” Ignácio de Loyola Brandão, Luís Carlos Maciel, o grande propagador da contracultura no Brasil e leitor de Carlos Castañeda, dentre outros. O Olavo – e de resto Bannon e Dugin – nunca deixaram de ser underground puro. Ele e sua criatura, Bolsonaro, são fenômenos da cultura de massa. Nunca será demais alertar que a tal Revista Planeta era a versão brasileira da Planète, francesa, dos Anos 60. Abordava temas de esoterismos, ufologia, parapsicologia, política ambiental. Na França, ela foi fundada por Louis Pauwels e Jacques Bergier, autores do clássico "O Despertar dos Mágicos" (PAUWELS, 1961), onde o assunto nazismo e esoterismo são amplamente abordados.

A Filosofia Perene

Vou tratar de apresentar aqui uma tentativa de conjugar o pensamento perenialista de Guenón e Schouon, aquilo que Teitelbaum chama de tradicionalismo, com o pensamento e a ação pública de Olavo de Carvalho e o olavismo. O segundo objetivo seria cotejar tudo isto com as figuras de Bannon e Dugin. Creio que essa segunda meta não caiba no espaço do presente artigo.

Haveria muitas imperfeições quanto ao atingimento do segundo objetivo. Caso eu logre apresentar, ao menos, o primeiro, já estarei satisfeito e ele parece suficiente para dar conta da ação viral do olavismo e de sua paixão triste e pulsão de morte.

No caso do pensamento de Dugin, seria necessário tentar discorrer sobre uma espécie de pan-eslavismo profundo, missão para a qual não me sinto preparado, além de precisar desenvolver a aproximação que Dugin e seu eurasianismo parecem ter com o

³ - Remeto o leitor a uma pobre referência da Wikipedia. A memória da Planeta é empírica. Mas há muitos sites de venda de livros usados que vendem números antigos. A Editora Três continua publicando uma revista com esse nome, mas, definitivamente, a linha editorial e a importância cultural não são as mesmas. Cf.: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Planeta_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Planeta_(revista)) (Acesso em 06/07/2020)

pensamento de Heidegger. Aliás, o renascimento de Heidegger entre os intelectuais russos e islâmicos, por exemplo, no Irã, é um tema dos mais urgentes e que ultrapassam muitíssimo à minha capacidade de ação no momento. A crença ocidental de que o islamismo contemporâneo se baseia apenas em superstições religiosas rasas é um fenômeno cultural semelhante ao desdém superficial com que nossa academia trata o “astrólogo” e seus congêneres internacionais da nova extrema direita.

Quanto a Bannon e a nova *far-right* americana, dando conta inclusive de suas inclinações guenonianas, creio que temos uma descrição bastante competente em Teitelbaum (TEITELBAUM, 2020). O que falta é um trabalho mais historiográfico: investigar, tanto nos EUA quanto no Brasil, como se deu empiricamente a conquista de corações e mentes conservadoras e cristãs para os lados do esoterismo pop-gnóstico perenialista.

Mas, vamos nos deter um pouco mais sobre Guenón e sua obra.

René Guenón nasceu na França, em 1886. Morreu no Cairo, em 1951. Suas obras começaram a circular em plenos Anos 20, do século passado. Ele era um místico e intelectual francês que, embora nascido em família católica, desenvolveu sua própria “filosofia perene”. Tornou-se maçom e adepto do sufismo. Depois do falecimento de sua primeira esposa, francesa, mudou-se para o Cairo e casou-se com a filha de um xeque.

Uma das crenças estruturantes de sua filosofia perene é a existência de uma verdade absoluta e metafísica que subjaz em todas as religiões, mas, que é acessada somente através da inserção em seletos grupos esotéricos que militam em todas as tradições religiosas. Os aspectos litúrgicos e rituais exotéricos (externos e públicos) de cada uma das religiões isoladas são apenas a feição superficial dessa sabedoria perene e secreta, reservada somente para um grupo de iniciados. Existe, então, uma filosofia perene comum a todas as tradições religiosas – para Guenón, as bases profundas de suas respectivas civilizações – e uma religião para as massas ignorantes.

Isto, ao contrário de recomendar uma aproximação ecumênica entre as diferentes religiões, reforça a necessidade da existência de religiões e seus cultos superficiais, adequados para o controle social das massas ignorantes de cada respectiva sociedade local. A unidade profunda dos saberes perenes escondidos em cada religião deve ficar reservado somente para um seletos grupo de sábios. O tradicionalismo religioso tem forte oposição à modernidade e à ciência. A democracia é um índice de decadência

social. Os fundamentos perenes comuns às religiões devem, portanto, ser acessíveis somente à casta de sábios sacerdotes.

Partindo de uma concepção circular do tempo, inspirada no hinduísmo, Guenón acredita que há períodos (semelhantes aos “éons” do gnosticismo) que se repetem ciclicamente: as idades de ouro, de prata, de bronze e das trevas. Essas idades são mais ou menos elevadas de acordo com a casta socialmente dominante em cada uma delas. Essa concepção de um mundo social organizado segundo um sistema de castas também é claramente de inspiração hinduísta.

A ordenação hierárquica das castas, segundo os tradicionalistas, em ordem descendente é: a classe dos sacerdotes, a classe dos guerreiros, a classe dos mercadores e a classe dos escravos. Essa divisão não é propriamente econômica. De fato, considerar que a classe mais elevada é propriamente a mais rica é, por si só, segundo a mentalidade tradicionalista, um índice de decadência social.

Na Idade do Ouro, a liderança social é a da classe dos sacerdotes. Na de Prata, predominam os guerreiros. Na de Bronze, os mercadores. E há trevas quando os escravos são os protagonistas. Não será preciso dizer para o nosso (a) leitor(a) qual seria o diagnóstico dos tradicionalistas para o momento da história em que nos encontrávamos nos Anos 20 do século passado. E qual o significado que eles encontravam nos anseios comunistas de superação do capitalismo. O comunismo internacional seria um agente privilegiado na construção da Idade das Trevas. Começamos assim, a vislumbrar o manancial de onde o olavismo herda o seu anticomunismo. Que é também um antiliberalismo.

Portanto, qualquer coisa que se relacionasse com o capitalismo e sua visão de progresso, ciência, integração mundial e democracia era vista como um passo a mais na direção das Trevas. Assim, capitalismo e socialismo são vistos como etapas do mesmo percurso em direção às trevas.

Porém, embora o percurso cíclico do tempo seja uma fatalidade e um destino irreversível, aos adeptos da filosofia perene caberia duas missões: acelerar o caminho, no meio da treva, para o reencontro com a Idade do Ouro e preservar, durante esse tempo trevoso, às tradições que nos permitiriam vislumbrar a estrada para melhores destinos.

Assim, a atuação discreta dos tradicionalistas deve priorizar o ensejo de abrir caminho para tudo o que permita a desmontagem sistemática da modernidade e de todas as suas repercussões. Para que tenhamos acesso à Idade do Ouro, toda a sociedade de

massas precisa ser destruída, qualquer promessa de homogeneidade material precisa ser desmoralizada, qualquer anseio de progresso precisa ser desmistificado como um atrevimento do homem diante de Deus, qualquer desejo de integração mundial precisa ser atacada, qualquer pretensão de valores universais, como democracia e direitos humanos, precisam ser refutados e vistos como um falso discurso do rebanho de mercadores e escravos desejosos de manter seus injustos e imerecidos privilégios. Na visão tradicionalista, a existência de um rígido sistema hierárquico é um sinal de saúde social.

O tradicionalismo é, portanto, um violento inimigo da modernidade. O mundo moderno e todos os seus valores são sinônimos de Treva. E seu aspecto mais nefasto é o humanismo e a conseqüente decadência dos valores religiosos. A principal perda sofrida nestes nossos tempos de trevas foi a perda da consciência da eternidade: a eternidade como um valor social que integrava os seres humanos entre si e com o Cosmos. O discurso Iluminista em favor da razão causou a derrocada de tudo aquilo de imaterial que constituía o sentido profundo do sujeito humano, mas, que não pode ser medido como extensão: a fé, a emoção, o estar em contato com uma dimensão supranatural eterna. Enquanto todos os seres humanos forem socialmente conduzidos por mercadores e escravos, que somente vislumbram dimensões históricas e/ou biológicas da realidade, viveremos nas Trevas.

A ação da confraria de sábios entre os rebanhos que seguem religiões e às novas religiões políticas (também conhecidas pelo nome de “ideologias”) deve ser estruturada através de grupos iniciáticos secretos ou discretos. A tradição das casas de estudantes dos campi norte-americano, a despeito de muita fantasia sobre elas, fornece um possível nexó inicial entre tais confrarias e as famílias ricas, brancas e protestantes que se articulam em torno do tradicionalismo de Steve Bannon, por exemplo. O mais lendário exemplo é a Skull and Bones, de Yale. De resto, indica um caminho possível de ligação entre o tradicionalismo e o maquinário político religioso que se formou em torno de Trump e do bolsonarismo. Mas, este caminho precisa ser investigado empiricamente pela História.

Diga-se, entretanto, que, para Guenón e Schouon, a mais inadequada tradição religiosa para a atuação de confrarias iniciáticas seria justamente o Cristianismo. Desde seus fundamentos, o proselitismo cristão desenvolveu-se como uma força contrária ao pensamento iniciático. Nas “antigas tradições” e suas renovações esotéricas, tanto nos ancestrais cultos domésticos do fogo sagrado quanto a dimensão de controle dos cultos

públicos, sempre havia o domínio de elites familiares ou iniciáticas. Mas, o que diz o Evangelho de João (18, 19-21):

E o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Jesus lhe respondeu: Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde os judeus sempre se ajuntam, e nada disse em oculto. Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito.

O fato da tradição cristã fazer questão de afirmar que o Cristo “nada disse de oculto” não quer dizer que uma sabedoria sobre tudo isso de sutil e espiritual e, mesmo, transcendente, não possa ter sido posteriormente (e novamente) ocultada, à revelia da vontade da primeira tradição cristã. E se revestido posteriormente de procedimentos mágicos. O tradicionalismo não nega que tenha havido e nem tentou deixar de implantar uma matriz iniciática no seio do Cristianismo. Mas, o proselitismo e a ação catequética parecem ter predominado. Para o gosto tradicionalista a linguagem predominante cristã era por demais dirigida à plebe. Por isso, a aposta tradicionalista para “salvar” o Ocidente das trevas ou para fazê-lo avançar além delas, teria que vir de fora. A aposta de Guenón e Schouon foi o Islamismo.

Isto ajuda a explicar o que Olavo de Carvalho fazia quando integrou o grupo iniciático liderado por Schouon, herdeiro do mestre francês. A conversão de Guenón ao Islamismo era, portanto, viral e estratégica. No fundo, persistia o ideário da filosofia perene. A face externa desse ideário, para o líder religioso francês, passou a ser o Islamismo.

Olavo de Carvalho, em sua cruzada pró-Ocidente Cristão, afastou-se definitivamente de Guenón e Schouon, ao menos no que tange ao islamismo estratégico professado por esses últimos. Acusa o tradicionalismo guenosiano de ser um esquema de islamização sob diferentes fachadas. Liga-o difusamente ao eurasianismo, de Dugin, acusando-os de serem mentiras da KGB em sua cruzada contra o Ocidente. A KGB, assim nomeada, do mesmo modo que toda a sanha anticomunista que permite aos bolsonaristas adjetivarem qualquer inclinação liberal ou difusamente socialista de “comunismo”, não deve ser lida como mero anacronismo e ignorância histórica. São artifícios discursivos com que o olavismo se insere na guerra cultural.

Porém, não importa aqui destacar o que afasta o olavismo do tradicionalismo. Importa ressaltar, no momento, o que permaneceu do perenialismo em Olavo de Carvalho e seus seguidores.

Pulsão de morte e ação viral do Olavismo

O olavismo é um fenômeno cultural, viral, agregado ao bolsonarismo e à religiosidade difusa do meio cultural brasileiro. O modelo de exercício da influência política e cultural obtida é inspirado, conscientemente ou não, em princípios de atuação semelhantes àqueles da tradição guenoniana: busca atuar internamente às religiões (e ideologias) com significado profundo em suas respectivas civilizações.

E diga-se: pouco importa o que Jair Bolsonaro ou Donald Trump venham a construir ou realizar. O que importa para os tradicionalismos, olavista ou de Steve Bannon, são seus potenciais destrutivos. Olavo de Carvalho não serve a Bolsonaro: utiliza-o como aríete em sua guerra cultural contra a modernidade. O olavismo não é, hoje, um fenômeno cultural isolado. É a face brasileira, com suas especificidades, da nova extrema-direita mundial. É muito mais extremo e integrado aos arranjos mundiais de poder do que o bolsonarismo e mesmo do que começam a chamar de cristofascismo.

O namoro do olavismo com a negação de paradigmas difundidos popularmente pela Ciência, como, por exemplo, a teoria darwinista da evolução e até mesmo com a esfericidade da Terra, não se trata de mera ignorância ou despreparo intelectual: é um artifício retórico para contraditar superficialmente modelos difundidos cuja compreensão popular não passa também de superficial. O fato do discurso científico ser cada vez mais incompreensível para o cidadão comum favorece à desconfiança aqui explorada. O mesmo pode-se dizer sobre o lugar da “astrologia” e outros resgates da tradição esotérica. No fim de tudo isso, está a crítica às instituições educacionais modernas e à própria ideia de uma educação universal.

Muitos discutem com Olavo de Carvalho, quando não o tratam como algo desprezível, como se estivessem diante de um pensador cristão, aristotélico e tomista. Afirmo: o novo tradicionalismo midiático e pop não é nem conservador e cristão. No fundo, mesmo tendo abandonado o pensamento de Guenón, especialmente devido à defesa desse último da islamização do Ocidente, Olavo de Carvalho continua a sonhar com uma sociedade de castas. Aliás, nem sonha: para o olavismo é o único modelo realmente existente e está oculto pelas demagogias liberais ou socialistas.

Acusar Olavo de Carvalho de não ter escolaridade formal é fornecer argumentos para sua visão espontaneísta do mundo do conhecimento. Ele quer ocupar o lugar do sábio com um conhecimento inspirado por Deus e que naturalmente deve estar entre os reis-filósofos de sua casta superior. Estudo formal é para pessoas das castas inferiores.

Evidentemente, ressaltai acima que tudo isso deve ter um efeito performático. Portanto, afirmar: “não estudei formalmente, mas, vendo mais livros, tenho alunos que me pagam bem e me comunico melhor que você” é tudo o que o Hamlet da Virgínia quer.

Em Olavo se destaca, portanto, outra sobrevivência perenialista: o elitismo inercial da perspectiva de castas propugnada por Guénon. Sua teoria das Doze Camadas da Personalidade está fortemente articulada a uma difusa, porém, presente, perspectiva de casta. O assunto está amplamente divulgado e é uma interpretação caracterológica dos níveis de evolução espiritual do indivíduo humano. Não me parece casual que também sejam doze os signos do zodíaco: o modelo astrológico aparece aqui remodelado em psicologia.

Permanece ainda do perenialismo, no professor, o procedimento de submissão de seus alunos não ao educador leigo de recorte iluminista, mas, ao guru indiano hinduísta ou ao sheik, líder de tariqa islâmica. Como os seus discípulos parecem desejosos de tal servidão voluntária, Olavo de Carvalho coloca em cheque qualquer argumentação quanto a essa obediência pedindo que se pergunte aos seus alunos se eles são servis. Aprende-se a ser, por imitação, como é o professor. Os alunos do seu COF (Curso Online de Filosofia) são livres para obedecer. Por isso, suas aulas podem perfeitamente descambar para qualquer proselitismo político que se queira fazer: não há propriamente um assunto. A obediência faz parte do processo de aprendizagem. Esta é, desde sempre, a regra do aprendizado iniciático. Embora atuando no meio profano da internet, essa tradição se mantém. E pouco importa se tal iniciação é uma espécie de ritual iniciático *prêt-à-porter*.

O olavismo é um típico exemplo de um fenômeno cultural, antes restrito a certos nichos, que, por causa de dinâmicas sociais complexas, emergem à frente da cena social como se fossem repentinos. Espero ter, ao menos, esboçado o começo de um plano de estudos que consegue articular alguns grupos iniciáticos dos Anos 20, cultura pop, dos Anos 60 em diante, as sociedades alternativas, o esoterismo hippie, dentre outras coisas, ao fenômeno em tela.

Como tudo isso foi parar, no Brasil e nos EUA? Como foi-se articulando com o fenômeno simétrico de Bannon e sua nova *far-right*? Como foi penetrando em grupos católicos autodenominados conservadores e dentro do protestantismo majoritariamente neopentecostal? Bem, são perguntas a serem respondidas por pesquisa histórica empírica.

A ação viral e discreta, proposta por Guenón, permitem inferir certos indícios. Mas, há que investigar os acontecimentos de forma empírica. Só, então, poderão ser explicados. Sobretudo, como se difundiram, aqui e nos Estados Unidos, através da WEB e foram parar na Casa Branca, no Itamaraty e no Palácio do Planalto? Definitivamente, não é algo que se responda com risinhos e com “desconheço, sim, com muita honra”.

Porém, o que mais permanece presente no tradicionalismo inercial de Olavo de Carvalho são seus olhos voltados para uma Idade do Ouro remetida ao passado.

Curiosamente, ele denuncia com veemência às matrizes utópicas do progressismo, seja ele de viés liberal, positivista ou socialista, nas quais quaisquer erros e mesmo crimes cometidos no presente se justificam em função da conquista de uma redenção futura da humanidade. Mas, não se apercebe, ou omite intencionalmente, a simples inversão que o tradicionalismo faz na equação. Se o progressista pode ter suas práticas e teorias equivocadas justificadas por causa de uma espécie de fuga escatológica para o futuro, fundada em uma visão linear da história, o tradicionalismo é uma espécie inusitada de milenarismo cíclico, com os olhos voltados para um passado idealizado.

Aí está o que me parece mais perigoso no vírus tradicionalista que ataca organismos já combalidos como os populismos de Bolsonaro e Trump. Sem fundamentos, sejam teóricos ou retóricos, profundos e também sem disporem de quadros burocráticos ou intelectuais de grande expressão, esses governantes acabam reféns de forças exóticas, sem grande apelo popular, mas, com alguma consistência conceitual. Assim, não importa que alguns quadros alocados no poder pelo guru da Virgínia – e que representariam os sábios promotores da nova Idade de Ouro – sequer consigam escrever um simples *tweet* em bom português. O que importa é que cumpram a função de produzir os escombros que permitam o retorno ao ventre de um passado ideal. Que sonho dourado de destruição tradicionalista este de colocar à frente do Ministério da Educação, por exemplo, alguém que não domina sequer o português de um ginásio! Os sólidos e profissionais estamentos burocráticos norte-americanos não permitem que seus mais empedernidos tradicionalistas possam sonhar com algo semelhante.

Spinoza definia como “paixão triste” aqueles encontros que diminuem a potência, debilitam a aptidão que um corpo tem para a vida. A potência para existir é a habilidade que tem um corpo de influenciar e ser influenciado, preservando sua natureza

profunda, essencial. É nesse sentido, tomando a nação brasileira metaforicamente como um corpo, que afirmo que o tradicionalismo olavista é uma espécie de paixão triste. Quase sem olhar para o Brasil, com uma compreensão do país como se ele pudesse ser apenas mais um resultado da expansão marítima europeia, ele deseja que retornemos para um lugar em que nunca estivemos. Se há exageros identitários, verdadeiramente suicidas, que querem nos fazer omitir e nos envergonharmos de nossas raízes ibéricas, o extremo oposto de nos encararmos apenas como uma civilização constituída por herdeiros dessa nova cruzada, que foi a navegação portuguesa pelo Atlântico, é também de uma triste paixão. O desejo de retorno a um útero nacional no qual nunca estivemos: eis o não-lugar para onde nos conduzem os olavistas. Entretanto, o tradicionalismo como um todo e o olavismo em particular não se parecem apenas com um indício de arrefecimento das forças vitais causadas por uma triste nostalgia de um passado que nunca tivemos. Parecem algo pior: um impulso em direção à morte e à autodestruição. A face exotérica do tradicionalismo midiático brasileiro, o presidente eleito em 2018, desempenha muitíssimo bem esse grave papel destrutivo, a julgar pelo modo como se comporta diante da pandemia do coronavírus e maneira como valoriza à vida dos brasileiros.

Como explicita Freud (FREUD, 1996), em *Além do princípio de prazer*, as duas pulsões antagônicas, a de vida e a de morte, não atuam de forma isolada e independente. A pulsão de morte assume, por exemplo, sua face agressiva e articulada com a pulsão de vida quando, por exemplo, se trata da ação necessária à alimentação. Destruímos os alimentos, ao ingeri-los, com o intuito de preservar à vida. Então, a pulsão de morte nem sempre é simplesmente passiva como a ação de deixar-se morrer. Ela pode ter feições violentas.

Porém, o aspecto pulsional que me chama mais a atenção no tradicionalismo é a não inesperada junção entre a sua natureza pulsional destrutiva e uma forte dose de narcisismo. É este narcisismo que parece fomentar o desesperado desejo regressivo de volta ao útero de uma Idade do Ouro. Estamos falando aqui do tema do freudiano do desamparo. Segundo o *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (LAPLANCHE, 1982, p.122), Freud liga explicitamente o *estado de desamparo à prematuração* do ser humano. Incapaz de sobreviver, nos primeiros anos de vida, sem o apoio dos pais, o ser humano encara a realidade, desde o corte do cordão umbilical, com angústia insuportável. A angústia infantil, do ser desamparado e dependente, acompanha o homem desde o nascimento até a morte. Sua primeira tendência é o desejo

retornar ao conforto do estado uterino. Um dos fantasmas originários do ser humano, segundo Freud, é o fantasma da vida uterina. Argumenta Hélio Pellegrino: “A criança, ao nascer, em função da angústia, desnasce. Volta para a casa primordial, cujo modelo está gravado em sua mente.” (PEREGRINO, 1987, p. 318)

A primeira reação infantil, para não sucumbir à angústia do desamparo, é negar a realidade e optar por sua fantasia narcísica e uterina. Ela desenvolve uma representação alucinatória da experiência de satisfação e as coloca sob a égide do princípio de prazer:

O princípio de prazer nega a realidade. Este é o primeiro movimento do infante ao nascer. Ele reflui para si próprio e constrói um mundo de objetos imaginários, construídos por via alucinatória, que têm por função negar a falta, a carência, a carência que nos constitui, em nosso centro. Essa função, negadora da realidade, é uma função fálico-imaginária. (PEREGRINO, 1987, p. 319-320)

Mas, aos poucos, graças às frustrações, a criança começa a compreender que os objetos capazes de satisfazê-la transcendem sua possibilidade de criá-los e controlá-los a seu bel-prazer. A criança começa a perceber que os outros seres têm existência própria.

Está em curso um novo nascimento. Abandonando o narcisismo infantil e desenvolvendo uma ligação maior com o mundo externo, o ser humano vai percebendo literalmente que não pode viver de ilusão: o princípio de prazer vai dando lugar ao princípio de realidade. “A negação da realidade, pela qual construí meu sentimento de completude narcísica, tem que agora ser, por sua vez, negada”. (PEREGRINO, 1987, p. 320)

Essa negação da negação permitirá que o desejo se desvincule de seus fantasmas inconscientes e se direcione para objetos externos, regendo-se pelo *princípio de realidade*. Reger-se pelo *princípio da realidade* é internalizar a Lei do Pai ou a Lei da Cultura. É abandonar, pelo temor da castração, o desejo narcísico de retorno ao útero e o desejo incestuoso de fusão com a mãe. É mover seu desejo em uma direção não regressiva, capaz de articular-se com o circuito de intercâmbio social.

Considerações Finais

Está evidente que o título do artigo e o título da parte anterior têm um sentido alegórico. Nenhum fenômeno cultural terá pulsão alguma. Nós, seres humanos, é que somos dotados de uma natureza pulsional, segundo Freud. Ainda assim, o próprio Freud

afirma utilizar a oposição binária entre *pulsão de vida* e *pulsão de morte* apenas de maneira hipotética.

Também estou agindo aqui de forma hipotética. Mas, os fenômenos culturais são criados e cultuados por seres humanos. Desejo apenas ressaltar a feição regressivamente uterina do tradicionalismo olavista – e supor a de seus equivalentes internacionais – para não ficarmos detidos em superficiais análises de conjuntura ou presos a reducionismos econômicos baratos. Mas não pretendi jamais fazer uma análise clínica à distância da instância autoral que se abriga no nome “Olavo de Carvalho”.

De maneira atrevida, ofereci ao leitor (a) uma possível chave de interpretação pulsional do inusitado e repentino sucesso alcançado pelo velho perenialismo, ainda que modificado, entre nós. Os motivos internacionais do surgimento do tradicionalismo à frente do palco da cena política mundial é uma importante questão a ser encarada. Mas, escapa ao escopo desse artigo, que já vai longe. Falemos um pouco do Brasil.

Em um país em que, após trinta anos de uma autoproclamada hegemonia socialdemocrata, se produziu o sistema de Imposto de Renda mais regressivo do planeta, juros altíssimos para remunerar apenas quem pode fazer aplicações financeiras, índices de violência somente encontrados em países em guerra, um processo de crescente desindustrialização, o crescimento da informalidade, endividamento das famílias, péssimos serviços públicos, dentre outras mazelas, não é de se estranhar que a pulsão de morte e o desejo narcísico de desnascer campeie entre nós.

As soluções identitárias, de origem, fundamentalmente, liberais e multiculturalistas norte-americanas, mas, aqui abrigadas, na falta de melhor discurso, no seio de nossa esquerda, não parecem ser convincentes e suficientes como respostas. A soma dos mais legítimos e justos interesses identitários, se resolvidos, ficam longe solucionar os problemas econômicos, sociais e culturais vividos por nossa aflita população.

Cansados de sermos o país do futuro, nos deixamos seduzir por promessas apocalípticas de volta a um passado idealizado.

Este artigo foi uma tentativa de encarar de frente um dos nossos desafios urgentes. Como o homem da parábola do Leste Asiático, continuo tentando me manter vivo e lúcido, ainda que condenado a cavalgar esse tigre. Mas, sem buscar refúgios no passado e nem escapando em direção ao futuro.

Referências

ALEXANDER, Jeffrey. *Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon*. *Revista Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 3, pp.1009-1023, 2018.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11 ed. Rio de Janeiro :Bertrand Brasil, 2001.

BOCK-CÔTÉ, Mathie. *O Multiculturalismo como Religião Política*. São Paulo: É Realizações, 2019.

CARVALHO, Olavo de. As doze camadas da personalidade. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/as-doze-camadas-da-personalidade/> . Acesso em 12/jul./2019.

_____. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. *Verbum*, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro de 2016

_____. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial. 2014.

_____. Influências discretas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 2008

_____. *O Jardim das Aflições: de Epicuro à Ressurreição de César – Ensaio Sobre o Materialismo e a Religião Civil*. Campinas : Vide Editorial, 1995.

COMPAGNON, Antoine. *Os Antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CRISTOFASCISMO, uma teologia do poder autoritário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sócio-religioso. Entrevista especial com Fábio Py. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/600150-cristofascismo-a-uniao-entre-o-bolsonarismo-e-o-maquinario-politico-socio-religioso-entrevista-especial-com-fabio-py>. Acesso em: 07/07/2020.

DUGIN, Alexander. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006.

_____. A Ideia Eurasiana. Disponível em <http://pbpolitica.blogspot.com.br/2012/02/ideia-eurasiana.html>. Acesso em 20/dez/2017

_____. Visão Eurasianista. Disponível em: <http://pbpolitica.blogspot.com.br/2010/04/visao-eurasianista.html>. Acesso em 20/dez/2017

ERRIGUEL, Adriano. *En las raíces posmodernas de la Alt-Right*. Disponível em: <https://elmanifiesto.com/tribuna/5709/en-las-raices-posmodernas-de-la-alt-right-i.html>. Acesso em: 10/12/2019.

FREUD, S. A pulsão e seus destinos. In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1915)

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1914)

_____. Além do princípio do prazer. In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1920)

_____. O mal-estar na civilização. In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1930)

GUÉNON, R. Introdução geral ao estudo das doutrinas hindus. São Paulo : Instituto René Guenón das Doutrinas Tradicionais, 2015.

GUÉNON, R. *Símbolos fundamentales de la ciencia sagrada*. Buenos Aires: EUDEBA, 1969.

_____. *A crise do mundo moderno*. Lisboa: Editorial Vega, 1977.

_____. *O reino da quantidade e os sinais dos tempos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

GURDJIEFF, G. I. *Views from the real world*. New York: E. P. Dutton, 1973.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário de psicanálise/Laplanche e Pontalis*. São Paulo : Martins Fontes, 1982.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MARCU, Silvia. La geopolítica de la Rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuevas corrientes de pensamiento geopolítico. *Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Universidad de Barcelona, v. XI, n. 253, dic. 2007. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-253.htm>. Acesso em 09/07/2020

MÜLLER, Bruno F. Por que os bolsonarismo é um fascismo. Disponível em: https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/06/30/por-que-o-bolsonarismo-e-um-fascismo/?cmpid=copiaecola&fbclid=IwAR3YOO985n64YZvZtosFPqAnCM_SgB7S0M3n6sa4qaR4VMVTyh9YZ_xuEhI Acesso em 08/07/2020

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Curitiba : Hemus, 2001.

PAUWELS, Louis e BERGIER, Jacques. O Despertar dos Mágicos – introdução ao realismo fantástico. Rio de Janeiro : Difel, 1977.

PELLEGRINO, Hélio. Édipo e a paixão. In: *Os sentidos da paixão*/ Sérgio Cardoso...[et. al.] São Paulo : Cia. das Letras, 1987.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura* – reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. 2 ed. Petrópolis : Ed. Vozes, 1972.

ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo : Companhia das Letras, 1987

SANTOS, Eduardo Silvestre dos. *O eurasianismo: a “nova” geopolítica russa*. **Jornal Defesa e Relações Internacionais**. Lisboa, nov. 2004. Disponível em: http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=97

SCHUON, Frithjof. *A Unidade Transcendente das Religiões*. S. Paulo: Irget, 2012.

_____. *Forma e Substância nas Religiões*. S. José dos Campos: Sapiencia, 2010.

_____. *A transfiguração do homem*. S. José dos Campos: Sapiencia, 2009.

_____. *Para Compreender o Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *O sentido das raças*. S. Paulo: Ibrasa, 2002.

SCRUTON, R. Epinosa. Trad. Angélica Elizabeth Könke. São Paulo: Editora Unesp, 2000. 55p (Col. Grandes Filósofos).

SEDGWICK, Mark. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Oxford: Oxford Scholarship, 2014

SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009

_____. *Pensamentos Metafísicos*. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondências. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

TEIXEIRA, José A. B. J. O pensamento geopolítico da Rússia no início do século XXI e a geopolítica clássica. *Revista da Escola Superior de Guerra Naval*. Rio de Janeiro, n. 13, junho de 2009.

TEITELBAUM, Benjamin R. *War for Eternity – Inside Bannon’s Far-Right Circle of Global Power Brokers*. Dey St./HarperCollins, 2020.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro : Zahar, 1995.